

## A PECULIAR MULTIMODALIDADE DO TEXTO CHÁRGICO

Maria Cristina de Moraes TAFFARELLO

**Resumo:** O principal objetivo deste artigo é mostrar, numa perspectiva discursivo-enunciativa e sociointeracional, que, tratando-se da análise de leitura e de processo de produção de charge, um gênero argumentativo e multimodal, deve-se salientar a necessidade de alargar o conceito de texto dentro do arcabouço teórico da Linguística de Texto. O *corpus* é composto por charges da *Folha de S. Paulo*. Dado que a articulação entre os signos verbais e icônicos das tiras pode ser verbalizada sem que haja necessidade de hierarquizá-los (RAMOS, 2007), busca-se comprovar isso em relação ao gênero chárstico. Também se busca demonstrar que tal gênero é essencialmente narrativo.

**Palavras-chave:** Texto. Gênero multimodal. Referenciação. Intertextualidade.

*Abstract:* The main objective of this article is to show, in a discursive-enunciative and socio-interactive perspective, that, being the analysis of the reading and the process of political cartoon production, an argumentative and multimodal genre, it should be pointed out the necessity of enlarging the concept of text within the theoretical framework of the Text Linguistics. The corpus is composed by political cartoons from *Folha de S. Paulo*. Since the articulation between verbal and iconic signs of the comic strips can be verbalized for no need of hierarchizing them (RAMOS, 2007), the aim is to confirm that when dealing with the cartoon genre. It also intends to demonstrate that such kind of genre is essentially narrative.

**Keywords:** Text. Multimodal genre. Referenciation. Intertextuality.

### Introdução

Nosso principal objetivo é mostrar, sob uma perspectiva discursivo-enunciativa e sociointeracional, que, por se tratar da análise de leitura e processo de produção de um gênero fortemente argumentativo e multimodal, a charge, não há como deixar de salientar a necessidade de alargar o conceito de texto sem, no entanto, sair do arcabouço teórico oferecido pela Linguística de Texto (LT). Nessa perspectiva, Cavalcante (2012, p.20) assim define texto: “[...] um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos,

visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos”. E Marcuschi (2008, p.80) já se pronunciara: “o texto é constituído numa orientação de *multissistemas*, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não-linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral *multimodal*”.

O gênero charge é um subtipo do hipergênero História em Quadrinhos (HQ). Assim como Ramos (2010) teve por objetivo aproximar dois subtipos de tal gênero, a tira cômica e a piada, mostrando que a distinção elementar entre eles reside particularmente na imagem, pode-se dizer que, na relação de tais gêneros com a charge, a diferença está, além disso, na sua temática, ou continuidade tópica (CAVALCANTE, 2012), em geral figura ou fato político, no seu alto teor opinativo-argumentativo e, ainda, em uma característica que a aproxima da crônica: o relacionamento com fatos do cotidiano fugaz. Nessa imbricação de gêneros se constitui a charge.

Sendo assim, a leitura do gênero charge exige, particularmente, a descrição dos elementos verbais e visuais, a saber, os signos icônicos, que remetem à analogia com o real, os signos plásticos (cor, textura, forma) e os de contorno (balões, por exemplo). Por outro lado, exige ainda sua contextualização, devido justamente à efemeridade desse gênero em relação aos fatos motivadores de sua criação.

Partimos das seguintes hipóteses: nas charges, a articulação entre os diferentes dados sígnicos pode ser verbalizada sem que haja necessidade de hierarquizá-los. Ramos (2010) fez tal afirmação em relação às tiras cômicas. Também buscaremos provar que a charge é essencialmente narrativa, mesmo que não apresente mais de um quadro.

### **Fundamentação teórica**

Cabem aqui as iniciativas de Ramos (2007), ao estudar os processos de leitura das histórias em quadrinhos, sobre a necessidade de incorporar os *signos visuais* (no sentido a eles atribuído pelo Grupo Mu, 1993) ao escopo da Linguística de Texto (LT). Uma dessas iniciativas é emprestar de variados estudos semióticos o chamado determinante visual, mostrando sua equivalência com o que a LT denomina “objeto de discurso”, construído no processo da interação. Esse determinante visual é, na verdade, uma categoria referencial construída e reconstruída no processo ativo de progressão do texto multimodal. Entenda-se multimodalidade como a agregação, no texto, de diferentes códigos, como imagem e cor, por

exemplo. A imagem, de acordo ainda com Ramos (2007), apresenta ao leitor um objeto-de-discurso: elemento referencial no qual o assunto se ancora e a partir do qual, por meio de recategorização, se dá a progressão referencial do texto.

Sendo assim, as charges analisadas, consideradas em uma dinâmica narrativa não só por apresentarem uma sequência de dois ou mais quadros dispostos horizontalmente, como também por terem um só quadro, como se quer demonstrar, podem ser analisadas por meio de atividades de produção textual, como o de referenciação e o de inferenciação.

Vale ressaltar que o termo *inferência* é definido por Koch e Travaglia (1989, p.79) como

[...] a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor / ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases e trechos) que ele busca compreender e interpretar: ou, então, entre segmentos de texto e os conhecimentos necessários para sua compreensão.

Marcuschi (2008) alarga a compreensão do funcionamento processual da inferência, necessário para que o leitor construa sociocognitivamente informações textuais implícitas: usa o termo *inferenciação*, que acentua o processo de construção de inferências e evidencia as pistas orientadoras fornecidas pelo texto. Tal noção estaria ligada a outro processo, o da *referenciação*, entendido como forma de produção e retomada dos objetos do discurso.

Entre os signos verbais escritos, a expressividade das letras é um dado relevante de interpretação. A esse respeito, Marcuschi (2001, p.46) se manifesta:

[...] tanto a fala como a escrita não operam nem se constituem numa única dimensão expressiva, mas são multissistêmicas [...] a escrita serve-se da cor, tamanho, forma das letras e dos símbolos, como também de elementos logográficos, icônicos e pictóricos, entre outros, para fins expressivos.

Importante lembrar que, por serem textos humorísticos, as teorias do humor nos respaldam para dizer que o riso é suscitado basicamente por dois “gatilhos”: o do insólito, ou seja, da surpresa, e o do exagero.

### A multimodalidade do texto chárstico: uma possível análise

Nosso *corpus* se constitui de oito charges da *Folha de S. Paulo*, sendo cinco, datadas de 2012, de autoria de Benett e três (das quais uma é de 2011) de autoria de Jean Galvão, identificáveis por estilos inconfundíveis. Já que uma das características da charge é a imagem como “objeto-de-discurso”, apresentamos, arbitrariamente, as charges que compõem nosso *corpus* distribuídas pelos elementos que lhes são opcionais, ou seja, o número de quadros (decrecentemente apresentados) e a organização dos elementos verbais em tais quadros.

#### Charge narrativa organizada em mais de dois quadros: seis quadros e balão/balões em cada quadro:



Ilustração 01: Charge I *Folha de S. Paulo* A2 opinião 26-3-2012

Num primeiro momento, nos deteremos nos signos visuais da **charge I**, de autoria de Benett, indissociáveis, como se verá depois, dos signos verbais: os seis quadros recortam uma evolução de desenhos de expressões faciais (imagem em *close-up* ou desambiguação) que representam a indignação de um mesmo personagem, no caso um conhecido político, José Serra. Consideramos tal processo referencial um caso de anáfora direta e correferencial (CAVALCANTE, 2012), cujas retomadas ocorrem por meio de repetição de desenhos, mesmo que alterados, ou melhor, recategorizados.

Na charge em questão, as características básicas do personagem representado se mantêm, embora de forma caricatural: olhos grandes e olheira, a peculiar calvície, camisa branca, gravata e terno, diga-se de passagem, vermelho. Haveria a possibilidade de o uso

dessa cor vermelha, característica do partido dos trabalhadores, o PT, provocar a leitura, por inferência, de alguma ligação de Serra com tal partido, sendo ele um tucano filiado a um partido opositor do PT, o PSDB? Responderemos a isso posteriormente.

Cagnin (1975) mostra que o estado emocional do rosto em quadrinhos se representa pela mescla de cinco elementos: olhos, pálpebras, pupilas, sobrancelhas e boca, os quais, matematicamente combinados, levam a 1.566 possibilidades de arranjo. Veremos a seguir como isso se desdobra. As expressões faciais da personagem sofrem transformações que evoluem da indignação para um total desconsolo. Em relação aos quatro primeiros quadros, pode-se pensar no mecanismo de leitura denominado “expansão”, quando movimentos em “câmara lenta” (RAMOS, 2010) sugerem um prolongamento do tempo e um aumento da tensão narrativa.

Procedendo à análise: no primeiro quadro, como se pode observar, o desenho com os olhos muito arregalados demonstra decepção e seriedade na face; o segundo quadro, por sua vez, sofre alteração tanto no olho direito, que recebe cor arroxeadada na parte inferior, demonstrando contrariedade, como também na sobrancelha direita, que, em linha reta no primeiro quadro, se curva com as pontas para cima, e ainda na boca, cujos lábios se retraem como se fossem chorar; já o terceiro quadro apresenta transformação no olho esquerdo, que recebe um traço em espiral, simulando estar em rotação – recurso comum para representar algum ser abobalhado ou desnorteado –, a sobrancelha volta a ficar reta, porém a mudança aparentemente mais significativa é no braço esquerdo: este se levanta, aproximando a mão da boca, como se a quisesse fechar ou impedir de falar; no quadro seguinte, o quarto, a transformação retorna para o olho direito, o qual se fecha (como se, na troca sucessiva e rápida de cada quadro, pudéssemos ver as figuras em movimento de um desenho animado, mexendo alternadamente os olhos), reforçando uma repetição e sucessividade de emoções negativas, e os dois braços se erguem, inclusive com pequenos traços curvos ou “linhas cinéticas” (ACEVEDO, 1990), indicando movimento de levar ambas as mãos para a boca; no quinto quadro, outro personagem aparece ao lado direito de Serra (esquerda do quadro) para impedir-lhe a atitude de não falar o que queria, mas de falar o que devia. Nesse momento, o perfil do rosto muda de lado (direito para o esquerdo) e os dois olhos arregalados, particularmente o esquerdo, acompanhado da dilatação da pupila (em forma de pequeno botão), demonstram também derrota.

O sexto e último quadro, que desencadeia o inesperado gatilho do humor, como se verá melhor à frente, mostra somente Serra, novamente de perfil direito do rosto, mas com as mesmas características dos olhos do quadro anterior: escancara então um personagem completamente decepcionado, indignado, infeliz, mas resignado, como se verá, pelo auxílio do signo verbal escrito.

De acordo com os pressupostos da LT, o objeto do discurso se estabelece por etapas: é ativado no primeiro quadro, reconstruído ou recategorizado nos seguintes (mudança de estado pelo rosto e acréscimo de pequenos gestos), porém a identidade referencial das personagens, ou anáfora direta, se mantém, garantindo-lhe continuidade, requisito essencial da coerência. É nos signos verbais escritos que se completa o efeito de humor (o insólito), mas, sem o auxílio do icônico, tal efeito não se consolidaria: o cenário "campanha eleitoral", particularmente de alguém experiente como Serra, recategoriza o espaço e o tempo esperados para se fazer um anúncio político bem sucedido. Tal interpretação vai tecendo a comicidade da história: as retomadas e reconstruções/recategorizações dos objetos dos discursos visuais, aliadas aos processos inferenciais denotados por tal procedimento, explicam o processo narrativo dessa charge.

Observando ainda a **Charge I**, cujo tema de campanha eleitoral retoma o da manchete, intitulado *Serra tem vitória magra e é candidato a prefeito*, acompanhada da foto de Serra ao lado do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e o de um artigo do editorial também da *Folha* do mesmo dia, *Serra no páreo*, é possível delimitar, entre outros, o subtema da fraca vitória (52%) nas prévias que lançaram a candidatura do tucano a prefeito de São Paulo; porém, como parte de nossos conhecimentos prévios, sabe-se que, tendo sido já candidato à presidência na disputa perdida para a atual presidenta do Brasil, Dilma, deve ser muito difícil para ele se "acostumar" a dizer: "Serra para prefeito!". Justamente essa dificuldade é explorada pelo chargista, gradativamente, na evolução dos balões, representativos das falas, em letras maiúsculas com fundo amarelo para destaque: "SERRA PARA PRE..." (quadro 1); "PRE... PRE..." (quadro 2); "PRES..." (primeiro balão do quadro 3) e "PRESI..." (segundo balão do quadro 3); "PRESIDEN..." (quadro 4). Até então, o acréscimo de apenas uma letra ou sílaba na palavra inacabada, mas iniciada pela sílaba *PRE-*, não só mantém uma conectividade referencial entre os quadros, como cria a expectativa do que ele quer falar. Tal expectativa é arrebatada pela entrada do segundo personagem, protagonista anônimo do

quadro 5, que não só faz calar Serra como pronuncia a palavra certa e completa: “PREFEITO!”

O clímax da narrativa é alcançado, provocando a transformação brusca de um estado de inconformação ou de revolta para o de quase resignação do último quadro. Serra, então, provocando o riso, fala o inevitável: “VAI SER DIFÍCIL ACOSTUMAR...” é o signo verbal do balão. Acostumar-se a falar sobre o possível novo cargo, acostumar-se a agir de acordo com ele? De todo jeito, como a charge é um texto fortemente persuasivo, o exagero, cômico porque catártico, na demonstração da dificuldade de um político se escancara e leva, em geral, a alguma reflexão ou conclusão do leitor.

Vale a pena neste instante também expor uma consideração advinda dos estudos da Análise da Conversação: a hesitação própria da fala. Fávero *et al.* (2003, p.56) apresentam-na como “[...] um tipo de ‘problema’ que é captado durante sua formulação/linearização, isto é, *on line*, caracterizando-se por seu aspecto prospectivo, já que tem como escopo algo que vem depois.” Quanto à correção, esta é considerada “[...] um claro processo de formulação retrospectiva” (FÁVERO *et al.*, 2003, p.63). Por se tratar de um texto cômico, tal hesitação não se dá pela dificuldade de a personagem buscar uma palavra mais adequada, mas pela dificuldade de ela pronunciar a palavra que justamente sabe, de antemão, que é a mais adequada, querendo trocá-la, corrigi-la por outra: quase uma “correção prospectiva”, o que desencadeia o humor pelo inesperado de tal atitude.

Cabe aqui outra observação interessante que parece responder à questão levantada há pouco: haveria a possibilidade de o uso da cor vermelha (do terno de Serra), “signo plástico” representativo do partido dos trabalhadores, o PT, provocar a leitura, por inferência, de alguma ligação de Serra com o PT, sendo ele filiado ao partido dos tucanos, o PSDB? O mesmo editorial citado, ao se referir à maioria modesta nas prévias que lançavam a candidatura de Serra à Prefeitura, apresentava como justificativa, entre outras coisas, a candidatura do adversário petista Fernando Haddad, apoiado, por sua vez, pelo afilhado de Serra e seu sucessor na prefeitura, Gilberto Kassab, de um partido recém-criado na época, o PSD. O que complica a situação (e responde, talvez, à questão), segundo o editorial, é que tal partido já “carrega a pecha de agremiação oportunista”, pois prevê mudança de legenda a seus seguidores, criando uma adesão ao atual governo federal. Além disso, informa que, mesmo apoiado por Geraldo Alckmin, Serra não se vê livre de “acabar aliado” ao petista Haddad.



Sendo assim, a cor vermelha do terno do tucano deve ter sido premeditada pelo cartunista e é parte relevante da construção do sentido do texto analisado.

Importante, em consequência, ponderar que, na sintaxe que constitui o jornal como suporte de gênero, o texto chágico em questão só se constitui e completa enquanto tal em sua articulação e correferencialidade com os demais gêneros coexistentes, no caso o artigo e a foto da manchete e o editorial, sem os quais, como se constatou, muito se perderia de sua leitura.

### Charge narrativa organizada em dois quadros:

#### a) legenda-título e balão somente no primeiro quadro:

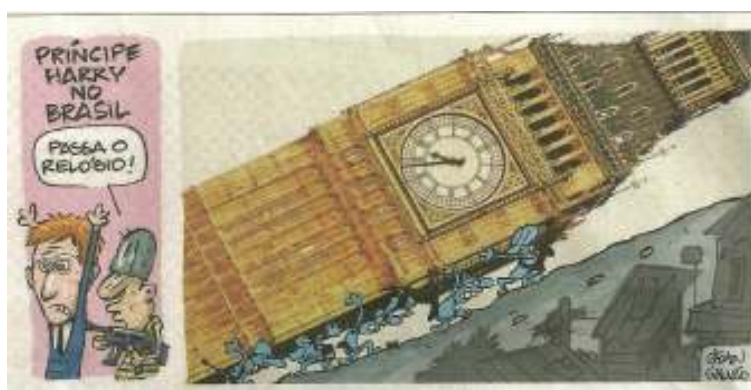


Ilustração 02: Charge II *Folha de S. Paulo* A2 opinião 11-3-2012

Tal charge, assinada Jean Galvão, apresenta, na cena inicial do primeiro quadrinho, duas figuras que se constituem objetos-de-discurso: o príncipe inglês Harris, em visita ao Brasil na época, informação obtida pela legenda- título “Príncipe Harris no Brasil”. Sobre legenda, em geral a voz do narrador, há vários estudos, mas, na charge, seu papel é contextualizar o fato, função importante num texto inerentemente intertextual e polifônico, aliás bastante comum de ocorrer nos textos escritos, como os editoriais. Interessante observar também que esse quadro, não por acaso, é bem mais estreito, com a mesma função que exerceria, em um texto escrito, um parágrafo introdutório. Os nomes atribuídos às legendas neste trabalho buscam caracterizar tal funcionalidade. À página A22, *Folha mundo*, saiu, no mesmo dia, uma pequena reportagem com o título: *Um príncipe no Rio* e o subtítulo: *Harry conversa com moradores e soldados no complexo Alemão*.

O suposto príncipe se encontra com os braços erguidos, caricaturizado com os cabelos ruivos e um semblante de susto, e ainda um suposto ladrão, identificável não só por direcionar



uma arma ao príncipe, como por estar com o rosto parcialmente coberto por um gorro e pela fala no balão: “Passa o relógio!” As informações de tal cena, coerentemente, se consolidam e se recategorizam no segundo quadro, de efeito humorístico porque insólito: apesar de não mais haver as figuras do primeiro quadro, a cena foca agora um relógio, que não é um relógio qualquer, nem um visado Rolex, mas é também inglês e mundialmente famoso - e aí está o ponto de conexão entre os quadros -, o Big Ben, com sua conhecida torre, sendo carregado, com aparente dificuldade, por várias pessoas que se supõe serem todas ladras, subindo um morro sombreado com favelas, característica da cidade do Rio de Janeiro, onde o Harris se encontrava. E a graça da charge acontece também pelo exagero: roubo e transporte de um símbolo da Inglaterra! Claro que a junção das várias linguagens e da reportagem nos leva, por inferência, a deprender uma leitura crítica por trás da cômica: a da insegurança dos moradores do Rio em relação a assaltos.

b) **legenda-noticiosa no primeiro quadro e balão no segundo:**



Ilustração 03: Charge III *Folha de S. Paulo* A2 opinião 12-6-2012

Em 11-06-2012, isto é, um dia antes da publicação da charge em questão, a mídia em geral publicara o assunto, sintetizado no primeiro quadro pela legenda-noticiosa “vaca argentina produz leite materno” e pela cara em close de uma vaca. Tal quadro é também mais estreito em relação ao segundo desta charge que, por sinal, como a anterior, é de autoria de Jean Galvão. Um exemplo:

<http://revistaepoca.globo.com/Ciencia-e-tecnologia/noticia/2012/06/vaca-clonada-na-argentina-produz-leite-semelhante-ao-humano.html>

De maneira criativa, o chargista aproveitou-se de tal noticiário e produziu o primeiro quadro, mais estreito porque com função de contextualização.

Embora tal informação não estivesse presente na *Folha* do dia, a leitura do segundo quadro leva a fazer uma associação semântica entre o leite da vaca e o ato de mamar e entre esse ato e a expressão popular “mamar na vaca” (por exemplo: “é Bebê, mamar na vaca você não quer, né?”), que significa, conotativamente, que muita gente, sem se esforçar, aproveita-se de alguma situação. Além disso, o inusitado (cômico?): três rechonchudos e satisfeitos políticos (vestidos de terno, o que pouco significaria não fosse o cenário ao fundo de Brasília: a bandeira nacional e parte do Palácio da Alvorada), mamando, já seria estranho se fosse o leite de uma vaca, mas, ao invés de leite, mamam o leite nas fartas tetas de uma colossal vaca (o exagero), de cujo desenho aparece parte da barriga, muito dinheiro em forma de moedas e de notas armazenadas em pastas estufadas. Um deles, com ar de desdém e sorrisinho entredentes, exclama, por meio de balão: “Grande coisa...”, de onde se infere que o seu feito era mais importante do que a pesquisa que produziu o leite quase humano da vaca clonada da Argentina. Outro deles, em posição de completa saciedade e relaxamento, tem uma gota de leite a escorrer-lhe da boca. O cenário de Brasília ao fundo completa o efeito de sentido, reforçando a indignação diante da evidência de corrupção, assinalada pela instauração da conhecida “CPI do Cachoeira”, fato em relevo em toda a mídia e na *Folha* do dia, inclusive (página A8, poder: *PT diz que não discutirá mensalão na CPI*, por exemplo, sobre o caso do depoimento do então governador de Goiás, Marconi Perillo). Novamente a química da junção das várias formas de linguagem verbal e não verbal produzem efeito inédito e cômico de sentido, perpetuando o esteriótipo: “político é corrupto”.

**c) Uma legenda-título geral e um balão em cada quadro:**



Ilustração 04: Charge IV *Folha de S. Paulo* A2 opinião 4-6-2012

O chargista Benett volta à cena com a temática de campanha eleitoral, utilizando, entre outros, o recurso da intertextualidade. A legenda-título “O poderoso chefão”, em enfáticas letras maiúsculas, remete ao conhecido filme homônimo. Tal recurso se classifica como relação intertextual de copresença, isto é, apresenta “fragmentos de textos previamente produzidos” (CAVALCANTE, 2012, p.147), do tipo referência (remissão sem, necessariamente, haver citação, por meio, por exemplo, da nomeação do autor, do título da obra, de personagens de obras literárias etc.)

No primeiro quadro, há dois objetos-de-discurso que representam caricaturalmente o ex-presidente petista Lula e a atual presidenta Dilma Roussef, inclusive com o vestido e até os cabelos na cor vermelha, representativa do PT. Por meio de balão-fala, Lula, de modo aparentemente humilde, comenta: “Dilma, eu só não saio candidato em 2014 se você não quiser.” Porém, numa correferencialidade, o segundo quadro retoma as figuras com pequena alteração, particularmente de espaço: o plano médio ou aproximado das figuras, isto é, da cintura para cima (RAMOS, 2010), a expor mais nitidamente as expressões faciais – interessante notar as bochechas estufadinhas como as do personagem Don Vito Corleone (Marlon Brando) -, tal plano se transforma em plano total ou de conjunto, com a mão de Lula apontando para si mesmo e o fechamento dos olhos, agora num gesto de orgulho próprio. Alia-se a isso a fala metalinguística de Lula, gatilho principal do riso: “E por ‘você’ entenda-se ‘eu’”. É um hábito de Lula usar recursos instauradores de embreagem actancial, neutralizadora da categoria de pessoa; em particular, usa a terceira pessoa ao invés da primeira para se autorreferir. Na fala final da charge, no entanto, esse processo sofre uma mudança: a segunda pessoa (*você*) deve ser entendida como a primeira (*eu*), o que não só provoca o riso como acentua o sentido de poder supremo de “chefão”, acima da própria presidenta: “você manda, mas eu é que mando mais que você” é uma possível interpretação.

d) uma legenda-título geral e uma legenda-subtítulo em cada quadro:



Ilustração 05: Charge V *Folha de S. Paulo* A2 opinião 14-9-2011

Mais uma charge de Jean é objeto de análise. Neste caso, o que chama a atenção é a temática da miséria versus a riqueza. Na verdade, confrontam-se dois discursos: o da desigualdade social e o da educação em nosso país, haja vista a legenda-título principal, ou título-tópico “NOTAS DO ENEM”, que tece a coerência do texto. Os dois quadros, identificados respectivamente pelas legendas-subtítulos (ou subtópicos) ESCOLA PRIVADA e ESCOLA PÚBLICA, fazem jus à ação (busca de resultados das notas do Enem), à posição (todas em plano total, de pé, viradas à esquerda) e ao lugar (num canto de escola) das figuras desenhadas em cada um deles: no primeiro quadro, três alunos, identificados particularmente por mochilas e pastas, buscam, com um sorriso nos lábios e os olhinhos arregalados e vivos, o resultado afixado à parede de uma construção escolar bem conservada; o segundo quadro, ao contrário, apresenta dois alunos com a fisionomia entristecida (bocas em curva, com lado côncavo inferior) e olhar acabrunhado, em um prédio escuro e bastante descuidado, com marcas de rachadura nas paredes, e o pior: as folhas com as notas se encontram “no chão”, exigindo deles esforço extra de leitura, ou seja, deve ser tomado no sentido metafórico o que parece sentido real. O exagero desses contrastes é interessante gatilho do humor. Vale ainda ressaltar que, no mesmo dia, a manchete da *Folha* era: *MEC propõe ano escolar com 220 dias de aula*, em cuja notícia se destaca: “Haddad lançou a ideia um dia após dados do Enem mostrarem que a distância do rendimento entre alunos das redes públicas e privadas cresceu.”

Interessante observar que neste caso não há evolução temporal, pois poderíamos inverter os quadros sem prejuízo de seu entendimento: consideramo-la uma charge predominantemente descritiva, embora sua narratividade seja intertextual no sentido de

dialogar e atestar transformações de estado em relação aos textos da mídia e aos fatos da realidade. Além disso, se compararmos tal texto multimodal a uma produção textual escrita argumentativa, temos um forte argumento de “confronto por contraste” (GARCIA,1986), apoiado, evidentemente, na enumeração de detalhes

### Charge de um só quadro

#### a) só uma legenda-título:



Ilustração 06: Charge VI *Folha de S. Paulo* A2 opinião 28-5-2012

Nesta charge de Benett, é clara a intertextualidade (CAVALCANTE, 2012) por derivação (um texto deriva de outro previamente existente) paródica com o quadro *O Grito* (no original *Skrik*), ilustração 09 abaixo, uma pintura do norueguês Edvard Munch, datada de 1893. A obra representa uma figura andrógina num momento de profunda angústia e desespero existencial. O pano de fundo é a doca de Oslofjord (em Oslo) ao pôr-do-sol:



Ilustração 07



A legenda-título remete ao fato da seca que tem castigado impiedosamente o Nordeste neste ano de 2012. Quanto às cores, com nuances que vão do amarelo ao marrom, passando pelo laranja, estas são quase idênticas; porém a paisagem é tipicamente do cerrado, com sol grande e redondo na cor laranja, índices de calor exagerado (tempo meteorológico, segundo Cagnin, 1975), e a figura personificada por um cacto, vegetal típico de área tórrida, único elemento verde na paisagem. A sua posição é também “cópia” do quadro original: boca aberta, provavelmente gritando, olhos caídos e mãos em direção ao “rosto”. O fato de até ele estar em desespero, gritando e se movimentando (linhas cinéticas próximas ao suposto corpo), evidencia o insólito e o exagero: até um cacto, planta resistente à seca, está em desespero. Isso não se constitui muito cômico pelo fato em si revelado, mas pelo gatilho armado pela criatividade intertextual e pelo embate dos discursos da arte e do social, com forte impacto persuasivo.

Tal quadro não foi uma inspiração fortuita: alguns dias antes, em 9 de maio, a revista *Veja*, por exemplo, trouxera uma resenha na seção Artes & Espetáculos, p.158 – 162, com o título “Vida além da moldura”, em que comentava a então recente venda da obra, por meio de leilão, com valor recorde: 119,9 milhões de dólares.

**b) legenda-título e placa escrita:**



Ilustração 08: Charge VII *Folha de S. Paulo* A2 opinião 15-2-2012

Benett retorna com um texto que dialoga com a capa do jornal do dia: *PIB despenca 7% na Grécia e acentua recessão e crise*, encaminhando a leitura da *Folha mundo*. Foca no subtópico do consequente desemprego, usando o cenário grego, com areia e construções típicas, inclusive uma, no canto inferior direito, que imita o Partenon e suas famosas colunas.

No contraste da Antiguidade com a contemporaneidade, vai-se enredando uma coerência única. De acordo com Cagnin (1975), o tempo aí se insere como “época histórica”, particularmente marcada pelo cenário e pela roupa da personagem. Sentado com ares de desolação avistamos um grego da Antiguidade (barba e cabelo longos, presos por uma tiara, bracelete no braço direito, veste de baixo minúscula amarrada à cintura), mas não um grego qualquer: a legenda-título *Os 12 trabalhos de Hércules* (fortemente intertextual, pois dialoga, parcial ou totalmente, com o título de inúmeras e variadas obras artístico-literárias), em letras irregulares, nos remete ao semi-deus Hércules, filho de Zeus e da princesa Alcmena, que era odiado por Hera, mulher de Zeus. De acordo com a mitologia, após o casamento de Hércules com Mégara, uma princesa tebana, Hera fez com que ele enlouquecesse e pusesse fogo em sua casa, matando mulher e filhos. Após recuperar a razão, procurou o auxílio do oráculo de Delfos, que o aconselhou a servir doze anos a seu primo Euristeu, rei de Argos. Hércules realizou então 12 heroicos trabalhos para tal rei.

Tal memória ativada nos choca diante da degradante figura que segura uma placa com uma lista de trabalhos, cena comum em grandes centros urbanos atualmente, sendo que a última, por exemplo, é a mais insólita: “vendo rim” (Hércules nem imaginaria que um dia isso poderia ser vendido...). Tudo isso para nos conduzir a uma leitura dos horrores que acometiam a economia grega, berço da cultura ocidental, tão possante na Antiguidade. Na verdade, o que chama a atenção nessa charge é o enxerto da Antiguidade na atualidade: de forma sintética, narra dois períodos em um, rompe e ao mesmo tempo evidencia a lacuna entre eles.

**c) legenda-título, balões e legendas-identificadoras**



Ilustração 09: Charge VIII *Folha de S. Paulo* A2 opinião 24-2-2012



De forma parecida com a charge anterior, temos um momento fortemente histórico, pois remete à mitológica guerra de Troia, cujo enredo tem inspirado escritores e poetas (Homero foi um deles) e artistas em geral. Avivando a memória: Páris foi a Esparta em missão diplomática, apaixonou-se pela bela Helena e com ela fugiu para Troia, enfurecendo Menelau, seu esposo. Para resgatá-la, Agamenon, com o auxílio de Odisseu (Ulisses) e de outros grandes guerreiros, assumiu o comando de um exército de mil navios e atravessou o mar Egeu para atacar Troia. As naus gregas desembarcaram na praia próxima a Troia e iniciaram um cerco durante dez anos. A cidade foi tomada finalmente graças à tática de Ulisses: fingindo terem desistido da guerra, os gregos embarcaram em seus navios, deixando na praia um enorme cavalo de madeira, que os troianos decidiram levar para o interior de sua cidade, como símbolo de sua vitória. À noite, quando todos dormiam, os soldados gregos, que se escondiam dentro da estrutura oca de madeira do cavalo, saíram e abriram os portões para que todo o exército (cujos navios haviam retornado, secretamente, à praia), invadissem a cidade. Apanhados de surpresa, os troianos foram vencidos e a cidade incendiada. Assim, Menelau recuperou Helena.

A charge em análise, com interessante contraste de cores, também expõe o contraste/enxerto dos momentos antigo e contemporâneo: o cenário é o da Grécia Antiga, obviamente com um grego, com coroa de louro na cabeça, espiando por cima do portão e do muro que contorna o país, com a inscrição da legenda-identificadora “Grécia”. Tal grego pergunta (legenda-fala): “Um pônei?” Do lado de fora, um senhor está à espera, porém – aí o contraste – vestido de terno e gravata, com uma pasta na mão, verdadeiro executivo, acompanhado de um cavalo de madeira com a legenda-identificadora “ajuda”, o que remete automaticamente à crise que atinge a Europa e que se manifestou, primeiramente, na Grécia. À página opinião A3, Tendências / Debates, do mesmo dia, a questão proposta: *A Grécia deve seguir negociando pacotes de austeridade com a Europa e com o FMI?* Tal título esclarece o que seria essa traiçoeira “ajuda”. O senhor de terno, respondendo à pergunta, diz ironicamente: “É só uma lembrancinha”, o que já faz rir. Particularmente engraçada, porém, é a legenda-título: “Presente grego” (com letras irregulares na parte superior do quadro), pois tal expressão se cristalizou justamente pela fama da Guerra de Troia e está sendo usada concomitantemente em sentido denotativo (o presente *dos* gregos, direcionado a eles) e conotativo (o presente *de* grego, de origem duvidosa).

Embora sintetizado em um só quadro, tal texto é inédito pelo fato também de apresentar vários gatilhos de humor, à maneira de um texto longo de humor (diversamente de uma piada, com um só gatilho). Disso advém o fato de, por ser um texto complexo, ter momentos de humor mais fortes, ou picos de humor, contrastando com momentos de humor mais fracos. (TAFFARELLO, 2001)

### **Considerações finais**

Conforme considera Ramos (2010) em relação às tiras cômicas, a articulação entre os diferentes dados sígnicos pode ser verbalizada sem que haja necessidade de hierarquizá-los, pois tanto os signos verbais quanto os icônicos são relevantes. Sendo assim, diante das características que aproximam os dois gêneros, buscou-se comprovar isso também em relação ao gênero chágico analisado.

Além disso, mesmo que a charge não seja narrativa em sua constituição de dois ou mais quadros, sua ligação com a(s) notícia(s) do dia e/ou, eventualmente, de dias anteriores, ou até de outras charges (ROMUALDO, 2000) faz dela um texto fortemente interacional e intrinsecamente polifônico e intertextual, objeto de discurso dialógico por excelência, que está para o jornal como o enunciado está para a enunciação, lugar do *ego*, *hic et nunc*.

Ousamos dizer que, na verdade, toda a charge é narrativa: mesmo que em um só quadro, remete a um ou mais “quadros elípticos”, fenômeno classificável como referência anafórica direta ou indiretamente marcada por elementos verbais (a legenda, com suas variantes, tem um papel fundamental em tal processo) e não verbais. Tal “referenciação”, que também se vale às vezes da intertextualidade, não só (re)elabora e recategoriza a realidade, como (re)negocia com o interlocutor e é, ao mesmo tempo, um trabalho sociocognitivo (CAVALCANTE, 2012). E há ainda o caso de charges (ilustração 05) descritivas com mais de um quadro, porém sem relação temporal entre eles, e ainda assim narrativas no sentido acima explicitado. Sem dizer daquelas (ilustrações 08 e 09) em que o aparente contraste de espaço e tempo acaba por revelar uma intersecção de sentidos concomitantemente mantidos e recategorizados pelos mecanismos férteis da referenciação.

Embora haja a necessidade de aprofundar a análise, cremos que tais textos chágicos pouco diferem dos elementos estruturais dos textos argumentativos escritos, como a contextualização, a proposição e a argumentação, a não ser quanto à não explicitude da

conclusão, que fica por conta do leitor, e ao recurso do não verbal. E, com certeza, muito mais há para ser revelado no laboratório desse intrigante gênero, mescla de vozes e de linguagens regadas a alto poder persuasivo.

Esta análise, embora breve, demonstra a necessidade de alargar o conceito de texto, abarcando o texto multimodal, sobretudo os que constituem gêneros que buscam formar opinião dentro de uma dinâmica instância enunciativa, lugar de interação entre linguagem, cultura e mundo social dos sujeitos do discurso.

## Referências

- ACEVEDO, J. *Como fazer histórias em quadrinhos*. São Paulo: Global, 1990.
- CAGNIN, A. L. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 13. ed. Rio de Janeiro, FGV, 1986.
- GRUPO MU. *Tratado del signo visual: para uma retórica de la imagen*. Madrid: Cátedra, 1993.
- KOCH, I. G. V; TRAVAGLIA, L. C.. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MARCUSCHI, L. A., *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- RAMOS, P. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. Parte 3. São Paulo, 2007. 106 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.
- ROMUALDO, E.C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.
- TAFFARELLO, M. C. de M.. *A polifonia irreverente do texto de humor político*. Tese de doutorado. 2001. 236f. - Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, Unicamp, 2001.